



Jornalismo, trabalho e marxismo: por um diagnóstico que aponte para soluções concretas

Journalism, work and marxism: toward a diagnosis that points to concrete solutions

BELLAN RODRIGUES DE SOUZA, Rafael.
Jornalismo, trabalho e marxismo: por um diagnóstico que aponte para soluções concretas. Vitória: Edufes Editora, 2024, 211 p.

**LEOPOLDO
PEDRO NETO**

orcid.org/0000-0001-8456-9488

Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC), Florianópolis (SC). Brasil.

JACQUES MICK

orcid.org/0000-0003-2372-6229

Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC), Florianópolis (SC). Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RESUMO:

Nesta resenha, argumento que o livro *Jornalismo, trabalho e marxismo* (Edufes, 2025) cumpre uma função epistemológica e política relevante em dois aspectos principais: i) o primeiro consiste em pensar a teoria do jornalismo em diálogo com a rica produção contemporânea da teoria social, articulando-a com contribuições da sociologia, da economia política e da filosofia; ii) o segundo reside em oferecer fundamentos para a construção de teorias do jornalismo baseadas no método crítico-dialético, voltado à compreensão da coisa-em-si, de sua dinâmica e de sua estrutura interna. Nesse sentido, sustento que os textos reunidos na obra fornecem bases teóricas para a formulação de uma agenda de pesquisa comprometida com o desenvolvimento de uma teoria marxista do jornalismo voltada à formação crítica, tanto no âmbito acadêmico quanto político.

PALAVRAS-CHAVE:

teoria do jornalismo, trabalho jornalístico, marxismo.

ABSTRACT:

In this review, I argue that the book *Journalism, Work and Marxism* (Edufes, 2025) fulfills an important epistemological and political role in two main aspects: (i) the first consists in thinking about journalism theory in dialogue with the rich contemporary production of social theory, articulating it with contributions from sociology, political economy, and philosophy; (ii) the second lies in offering foundations for the development of journalism theories grounded in the critical-dialectical method, focused on understanding the thing-in-itself, its internal dynamics, and structure. In this sense, I maintain that the texts compiled in the volume provide theoretical foundations for shaping a research agenda committed to the development of a Marxist theory of journalism aimed at critical formation, both academically and politically.

KEYWORDS:

journalism theory, journalistic labor, marxism

Alicerçado no pensamento marxista e ontológico de György Lukács (2024) e István Mészáros (2005), o livro *Jornalismo, trabalho e marxismo* (Edufes, 2024) lança luz sobre diversas problemáticas dos estudos em jornalismo, como a precarização do trabalho, a desinformação, a objetividade, a crise das instituições e os elementos emergentes que reafirmam a relevância do jornalismo como forma social de conhecimento. Rafael Bellan Rodrigues de Souza (2024, p. 17) tem por objetivo “refletir sobre o jornalismo contemporâneo pelo ponto de vista da atividade humana, em que o trabalho se torna o eixo principal da produção e reprodução da vida”. O fio condutor da obra, em tal lógica, é a conexão existente entre o perfil profissional dos jornalistas em relação à particularidade do mundo do trabalho e sua morfologia no século XXI.

Com base em técnicas de revisão documental e revisão bibliográfica, na articulação da teoria marxista com as teorias do jornalismo, sua obra dá prosseguimento à tradição crítica — que embora quantitativamente pequena, é qualitativamente profícua — inaugurada por Adelmo Genro Filho em *O Segredo da Pirâmide*, lançado em 1987. Após 38 anos do lançamento deste livro, a massa crítica de pesquisas elaboradas coerentemente com as afirmações ontológicas e epistemológicas do intelectual gaúcho, tragicamente falecido em fevereiro de 1988, foi pouco desenvolvida — muitas vezes, a obra magna do autor é utilizada como pilar de legitimação epistêmico-institucional do campo acadêmico jornalístico de maneira a esterilizar seus fundamentos ontológico-materialistas (Pontes, 2016).

Essa situação reflete a crise no marxismo, ocorrida em consonância com a expansão do programa político-econômico neoliberal, acoplada à ideia de que o capitalismo e a sua representação política pela democracia liberal se tornaram o grande estágio de desenvolvimento da humanidade — tese do fim da História do economista político nipo-estadunidense Francis Fukuyama (1989). A refração dessas transformações no campo acadêmico da comunicação se mostra no pequeno número de pesquisas realizadas nas últimas duas décadas, presentes nos estudos em Economia Política da Comunicação, nos debates em torno do binômio Comunicação e Trabalho, nos debates gramscianos em torno da hegemonia midiática (Moraes, 2016) e nos adeptos dos Estudos Culturais ingleses (Cevasco, 2003). Mais especificamente no que tange à teoria do jornalismo e marxismo, destaca-se a presença das obras de Moretzsohn (2007), Pontes (2016), Bolaño (2015; 2018), Figueiredo (2020) e Daros (2022).

Sob esse diapasão, Rodrigues de Souza cumpre a importante função de atribuir sentidos contemporâneos à teoria proposta por Genro Filho (2012), manejando-a no intuito de compreender o jornalismo no estágio atual do capitalismo. Para que o projeto de jornalismo crítico-emancipatório se torne uma alternativa concreta, é preciso “indagar o que mudou estruturalmente na sociedade para verificar se a teoria original continua válida ou se precisa ser atualizada” (Moretzsohn, 2021, p. 47). Com o objetivo de contribuir para esse processo de fortalecimento da teoria marxista do jornalismo, destaco, a seguir, três pontos positivos e um aspecto negativo da obra.

O primeiro ponto positivo é a capacidade do autor em articular diferentes correntes teóricas — inclusive, para além dos estudos em jornalismo, que, não

raramente, permanecem institucionalmente mais restritos a certos debates do que epistemologicamente deveriam. O que deve orientar a teoria é o seu objeto, a partir do processo de investigação que parte do abstrato e o enriquece com múltiplas determinações para atingir sua concretude e reproduzi-la no pensamento (Marx, 2011). Baseado no método de Marx, Rodrigues de Souza torna possível uma agenda de pesquisa que teorize o jornalismo em sua especificidade, articulado às transformações no movimento do capital em sua fase de acumulação flexível. Nesse panorama, as discussões que o autor propõe sobre o mundo do trabalho se destacam e mostram fôlego analítico. Sustentado empiricamente em pesquisas como o *Perfil do Jornalista Brasileiro* (Mick e Lima, 2013) e os estudos do *Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho* (Figaro, 2013), Rodrigues de Souza busca situar o jornalista como trabalhador inserido na nova morfologia do trabalho (Antunes, 2011). Ao concebê-lo como trabalhador do conhecimento, o autor oferece uma explicação que contempla os processos de trabalho jornalístico no contexto de reestruturação produtiva, marcada pelas influências do toyotismo e pela captura da subjetividade do trabalhador. Dessa forma, contribui para o debate sobre o lugar ocupado pelo jornalista nos processos de trabalho e nas dinâmicas de valorização tanto no fordismo quanto no pós-fordismo — discussão, por exemplo, também realizada por Figueiredo (2020).

O segundo ponto positivo, em consonância com o primeiro, marca a temática da alienação (também discutida como estranhamento) e da reificação (forma de alienação específica no capitalismo). Inserir esse debate especificamente no âmbito do labor jornalístico tem uma dimensão original, considerando que, no contexto nacional, apenas Sylvia Moretzsohn (2007, p. 246) — e, no plano internacional, Robert Bertuzzi (2018) — se debruçaram diretamente sobre a questão. Pensar sobre como a lógica da plataformação do trabalho jornalístico e a crescente dependência algorítmica condicionam a circulação das notícias a obedecer a lógicas externas, próprias às grandes empresas de tecnologia, constitui um problema amplamente discutido, mas que ainda demanda desdobramentos críticos. Um deles consiste em indagar: de que maneira essas transformações estruturais — como a precarização, a plataformação, a pressão por métricas de audiência e o controle crescente sobre a atividade — intensificam o estranhamento da subjetividade dos repórteres em relação ao sentido do seu trabalho, ao produto que realizam, aos próprios colegas e, em última instância, ao seu gênero humano (dimensão fundamental, caso se queira vislumbrar um projeto de emancipação)?

György Lukács (2024, p. 581) define os estranhamentos como o descompasso entre as forças produtivas — que expandem cada vez mais as capacidades do gênero humano — e a destruição simultânea das personalidades individuais dos sujeitos. Atualmente, os jornalistas dispõem de ferramentas de produção (apuração, escrita e edição) que — em potência — permitem o exercício da atividade jornalística de maneira muito mais dinamizada, possibilitando cumprimento do papel do jornalista enquanto um cartógrafo das contradições da vida social na relação entre o singular e o particular, como uma das conquistas da autoconstrução humana em sua dialética do esclarecimento. Contudo, ainda que com smartphones e computadores, e mesmo com o uso de softwares de

inteligência artificial que permitem a automatização de certas tarefas de caráter mais técnico e repetitivo, o jornalista enquanto indivíduo singular, e a possibilidade de jornalismo articulado a um projeto de emancipação encontram-se em descompasso.

O terceiro ponto aborda a discussão em torno da objetividade e da subjetividade. Rodrigues de Souza (2024) oferece uma contribuição relevante a esse debate ao demonstrar que os termos da relação dialética entre sujeito e objeto, tal como formulados no materialismo histórico, fornecem ferramentas profícuas para refletirmos sobre o conhecimento jornalístico. Pensar a objetividade, nessa perspectiva, não implica negar a subjetividade do repórter diante dos fatos sociais. Ao contrário, a própria condição da investigação do real está ancorada na “atividade do sujeito cognoscente (ser social), pois pela sua posição é possível extrair as determinações do fato (o singular produzido pelas notícias)” (Rodrigues de Souza, 2024, p. 161). A verdade objetiva, sob esse enfoque, deve ser afirmada — para além das incrustações neopositivistas — especialmente em tempos marcados pelo irracionalismo, pela disseminação de notícias falsas e pela manipulação informacional. As mediações da produção social dos fatos jornalísticos e a percepção subjetiva do repórter não negam a objetividade nem necessariamente a impedem; ao contrário, compõem-na, uma vez que sujeito e objeto se constituem mutuamente. (É evidente, nessa lógica, que o campo das possibilidades éticas torna-se central como critério de fidelidade em relação ao objeto investigado).

Por fim, o ponto negativo da obra expressa-se no fato de que o autor poderia se debruçar mais sobre algumas categorias que maneja e explicitar qual a sua relevância para o debate que propõe. Por exemplo, ele enfoca a categoria de *cooperação complexa*, articulada por Celso Frederico e Francisco Teixeira (2008), mas em nenhum momento explica por qual razão o trabalho jornalístico situa-se em um contexto de cooperação complexa e quais as consequências disso. Outro conceito que o autor usa de maneira menos rigorosa é o de *turbocapitalismo* — qual é a razão de sua utilização? Trata-se somente de um jogo de palavras para uma melhor exposição de suas ideias no âmbito expressivo? A turbina do capitalismo é a sua compulsão pela extração de mais-valor – e isso, tragicamente, não é novo.

De modo geral, pode-se afirmar que Rodrigues de Souza oferece respostas qualitativamente compatíveis com a complexidade das problemáticas que propõe em sua obra. O desafio agora está colocado: como construir uma agenda de pesquisa para uma teoria marxista do jornalismo? Duas direções se mostram profícuas. A primeira consiste em refletir sobre a capacidade empírica dos objetos que tal teoria pode abordar, tendo em consideração que a teoria marxista entende métodos e técnicas de pesquisa de uma maneira muito específica. A segunda envolve sua apropriação e utilização na formação discente, de modo a incentivar estudantes comprometidos com a construção de conhecimento crítico. Mediar o singular com o particular e relacioná-los à totalidade – enriquecendo a compreensão dos fatos da vida cotidiana — não deve se limitar a um enunciado retórico; trata-se de um pressuposto teórico-metodológico — fundamentado em uma teoria sobre o ser no capital e para além dele — que deve se materializar em experiências concretas, como jornais-laboratório, formações

partidárias e sindicais, orientação de jornalistas em cooperativas e veículos alternativos. A obra *Jornalismo, trabalho e marxismo* (2024) pode ser um instrumento teórico nesse processo e, inclusive, fornecer novas pistas. Contudo, é preciso que a teoria adquira força material. O autor nos deixa caminhos, mas a resposta deve ser articulada à luta coletiva, sindical, universitária e operária. No fim das contas, trata-se das contradições da filosofia que se resolverão na práxis humana. O ser social é um ser que dá respostas, parafraseando Lukács.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho no Brasil: reestruturação e precariedade. **Nueva Sociedad**, edição especial em português, jun. 2012. Disponível em: <https://www.nuso.org>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BERTUZZI, Robert. **Hone the means of production**: craft antagonism and domination in the journalistic labour process of freelance writers. 2018. Tese (Doutorado em Media Studies) – University of Western Ontario, London, 2018. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/etd/5458>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BOLAÑO, César. Economia política da internet, mediação e jornalismo: para a crítica da comunicação e da tecnologia. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 20, n. 3, p. 133–155, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/10779>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CEVASCO, Maria Elisa. **As dez lições sobre os estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

DAROS, Otávio. Economia política do jornalismo no Brasil. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 10, n. 23, p. e022004, 2022. DOI: 10.22484/2318-5694.2022v10id4826. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4826>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FIGARO, R. (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

FIGUEIREDO, Carlos. Jornalismo, Marxismo e Economia Política da Comunicação: um Mapeamento em Periódicos Brasileiros de Comunicação e Informação no Século XXI. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 22, n. 3, p. 103–121, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/epic/article/view/13773>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FREDERICO, Celso; TEIXEIRA, Francisco. **Marx no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2008.

FUKUYAMA, Francis. The end of history? **The National Interest**, [S.l.], n. 16, p. 3–18, 1989. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24027184>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2024.

MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MÉSZÁROS, István. **Marx's theory of alienation**. London: Merlin Press, 2005.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MORAES, Dênis de. **Crítica da mídia & hegemonia cultural**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

Recebido em:

06/06/2025

Aprovado em:

21/12/2025

Disponibilidade de dados de pesquisa:

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

Editores responsáveis:

- Adriana Teixeira
- Fábio Fonseca de Castro
- Maurício Ribeiro da Silva
- Norval Baitello

MORETZSOHN, S. B. A necessidade e as dificuldades do jornalismo no contexto de crise das instituições epistêmicas. In: **Líbero**, ano 24, n. 49, set./dez. 2021, p. 43-60.

MORETZSOHN, S. B. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano – do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

PONTES, Felipe Simão. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

LEOPOLDO PEDRO NETO

é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de pesquisa Conhecimento e Profissão. Realizou doutorado sanduíche (Capes/PDSE) na Universidade de Toronto, no Canadá. É graduado em Comunicação Social Jornalismo (2014-2017) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), onde também concluiu o mestrado em Comunicação, com período sanduíche no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP). Tem interesse de pesquisa em Economia Política; Tecnologia e Trabalho; Comunicação e Trabalho; Teoria Marxista do Jornalismo.

leopoldo.neto@posgrad.ufsc.br

JACQUES MICK

Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política na mesma instituição.

jacques.mick@ufsc.br

CONTRIBUIÇÕES DE CADA AUTOR:

Leopoldo Pedro Neto dedicou-se à escrita, à fundamentação teórica e à discussão categorial da obra. Jacques Mick responsabilizou-se pela revisão e pela edição teórico-textual.